

A interpretação do mundo pelos cegos

Resumo

Numa hierarquia dos sentidos, a visão estaria no topo. Grande parte da informação do mundo é apresentada no campo visual. Este artigo busca compreender e analisar como aqueles que não possuem esse sentido interpretam o mundo ao seu redor. Para isso, foram entrevistadas três pessoas, de diferentes idades, que frequentam um instituto para cegos em Jundiaí. Notou-se pelas respostas que os outros sentidos, principalmente tato e audição passam a ser mais usados com a perda da visão, e tornam-se mais aguçados. Além disso, os entrevistados comentaram os problemas enfrentados com acessibilidade.

Palavras-chave: campo visual, acessibilidade, deficientes visuais, sentidos.

Introdução

Durante o ensino médio, assisti um documentário chamado Janela da Alma (JARDIM; CARVALHO, 2002) que tratava de uma série de questões sobre o sentido da visão, entre elas a questão da cegueira. Durante um tempo, esse documentário gerou discussões entre eu e alguns amigos, e algumas dessas questões ficaram um tanto obscuras. Mais tarde, entrando no curso de Midialogia, percebi que muitas matérias do curso são voltadas para o campo visual e das imagens.

A visão é um dos sentidos mais importantes para interpretar o mundo. A linguagem visual é elemento de estudo para inúmeras áreas do conhecimento, como artes visuais, arquitetura, fotografia e cinema. Além disso, grande parte do conhecimento humano está registrada na forma escrita e de imagem.

Kanashiro afirma que *“a visão, sendo considerada o sentido dominante nos seres humanos, esta proporcionaria muito mais informação que os demais sentidos.”* (KANASHIRO, 2003, p.157). Essa dominância está tão impregnada em nosso cotidiano, que usamos em nosso discurso verbal palavras relacionadas com esse sentido mesmo quando na prática a situação não está relacionada com isso. É o que mostra a filósofa Marilena Chauí:

Pouca atenção prestamos à relação que espontaneamente fazemos entre ver e falar quando, acautelando alguém, dizemos: "veja o que diz". Assim como não nos demoramos na relação entre ver e escutar quando, em vez de "escute!", dizemos: "olhe aqui!". Relações que estabelecemos quando chamamos aos profetas — aqueles que recebem e proferem uma palavra divina — videntes, sem indagarmos por que ouviriam vendo, nem por que mensagens e prodígios sagrados tendem a procurar nossos olhos — de onde vem a palavra milagre? —,nem por que nossa persuasão seria obtida privilegiadamente pelo ver — não foi essa a exigência de são Tome? (CHAUÍ, 1988, p.32)

O homem lida com a criação e interpretação de imagens desde a pré-história com as pinturas rupestres, passando pela explosão da circulação de imagens durante a Idade Moderna, e chegando ao contexto atual, com televisão, cinema e internet. É impressionante como a tecnologia nos proporciona reproduções imagéticas tão cheias de informação.

Mas o que acontece quando, em meio a este contexto, pensamos naqueles que não decodificam a informação visual? Como fica o acesso deles às projeções 3D, aos impressionantes efeitos especiais do cinema, à câmera digital, aos celulares e tabletstouchscreen ou mesmo à cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres? Eles realmente têm acesso a estas maravilhas? (MAYER; PINTO, 2013, p.2).

Ao andar pela minha cidade, nos terminais de ônibus, estações de trem, bibliotecas, centro comerciais, eventualmente me deparo com pessoas cegas, muitas vezes precisando de ajuda para saber o ônibus deve pegar, a informação de uma placa, entre outras informações facilmente acessíveis para quem consegue enxergar. Observar atentamente essas pessoas fez-me notar suas limitações e perceber que grande parte das informações do cotidiano é adquirida exclusivamente pela interação visual.

Notar essas coisas me instigou a pesquisar e entender melhor a maneira como os cegos interpretam o mundo ao seu redor, através de outras formas de receber e lidar com informações. Muitos desses indivíduos se adaptam muito bem no dia a dia, mas para isso precisam desenvolver a análise dos outros signos, sonoros ou táteis.

Portanto, o objetivo desse artigo é compreender como alguns indivíduos cegos interpretam o mundo através de signos não visuais, e se eles sentem-se satisfeitos com os pontos de acessibilidade fornecidos pela sociedade.

Metodologia

A pesquisa realizada foi um estudo de campo, de caráter descritivo e predominantemente qualitativo. O local escolhido foi o Instituto Jundiaense Profissional para Cegos “Luiz Braille”, sendo a população formada por pessoas cegas que frequentam o instituto. Inicialmente, pretendia realizar a entrevista com cinco pessoas atendidas pelo instituto, mas por questão de incompatibilidade de datas, foi possível entrevistar apenas três pessoas, sendo dois funcionários e um atendido.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica e webliográfica para aprofundar e embasar meus conhecimentos a respeito do tema. Estudei alguns textos sobre a cegueira e também li uma entrevista realizada com cegos (MELO, 2006), de maneira a lidar melhor com a população no dia da entrevista.

Assim, elaborei a entrevista com questões com o propósito de responder as questões levantadas na introdução. Foram formuladas cinco questões de caráter aberto, sendo a última um espaço para o entrevistado dizer o que quiser.

No dia marcado, fui ao instituto com as perguntas. Antes de entrevistar as pessoas, mostrei a entrevista para a assistente social, que verificou se havia algum problema. Esse procedimento é importante tanto para o instituto, garantindo a integridade dos entrevistados

quanto para a minha pesquisa, pois evita o aparecimento de erros durante a aplicação da entrevista.

Feito isso, apliquei a entrevista. Os entrevistados foram respectivamente: Francisca, pedagoga de 58 anos, Gilson, psicólogo de 45 anos e João, estudante de 15 anos. Os dois primeiros, como dito anteriormente, trabalham no instituto, enquanto o último é atendido por ele. Cabe dizer também que apenas Francisca é cega de nascimento, Gilson ficou cego aos 19 anos e João aos 6 anos.

As respostas foram gravadas em áudio no celular, depois transcritas para ser analisadas. Na análise, busquei relacionar as respostas entre si e com os autores que havia pesquisado anteriormente. Dos resultados obtidos, tem-se o artigo em questão.

Análise da entrevista

Abaixo segue uma análise comparativa entre as entrevistas realizadas.

- **Como você se localiza no mundo e interpreta as coisas ao seu redor?**

Os entrevistados disseram que utilizam os outros sentidos, principalmente tato e audição como maneira de se localizar, reconhecer ambientes e compreender coisas. Francisca disse que a junção dos sentidos traz uma percepção única, dando uma boa margem para se localizar, compreender e abstrair o que é necessário. Gilson afirmou que após ficar cego, seus outros sentidos se aguçaram, e que utiliza o tato não apenas nas mãos, mas em todo seu corpo. João disse que se esforça para ouvir o máximo possível ao seu redor, o que ajuda a ter uma noção de espaço e do ambiente.

“Os cegos, diz Descartes, ‘veem com as mãos’. O modelo cartesiano da visão é o tato” (MERLEAU-PONTY, 1969, p.284). Essa afirmação é coerente com a resposta da entrevista, mas não se pode resumir a experiência sensorial do indivíduo apenas ao tato. É como afirma Fernanda Melo:

A adaptação do sujeito a uma realidade sem o sentido da visão não se restringe ao uso da audição e do tato. Essa nova saúde passa pela percepção das suas novas potencialidades, pelas conquistas pessoais, pela superação dos obstáculos, pela possibilidade de se sentir valorizado. (MELO, 2006, p. 141)

- **Você costuma sonhar? Você lembra como são os sonhos? Poderia descrevê-los?**

Os entrevistados disseram que sonham com certa frequência. Francisca afirmou que acontece da mesma forma que a vida cotidiana, tudo que é abstraído durante o dia pode aparecer nos sonhos. João disse sonhar com as vozes das pessoas e também sentir o ambiente onde ocorre o sonho. Gilson, talvez por ter ficado cego tardiamente, sonha com imagens, da mesma forma que quando enxergava: *“Eu vejo meu irmão, mas com a característica que eu via ele adulto, não hoje. Muitas vezes eu já vi uma pessoa com cabelo branco. Então eu vou associar.”* (GILSON, 2015).

Freud afirma: *“Aristóteles estava ciente de algumas características da vida onírica. Sabia, por exemplo, que os sonhos dão uma construção ampliada aos pequenos estímulos que surgem durante o sono.”* (FREUD, 2006, p.25). Sendo uma construção, os sonhos seguem experiências vividas ou imaginadas pelo sonhador. Dessa forma, aquele ficou cego mais tardiamente, é capaz de sonhar com imagens, enquanto os outros sonham com outras sensações.

- **Você acha que os pontos de acessibilidade fornecidos para os cegos são suficientes, ou acha que ainda precisa melhorar em algum ponto?**

Todos concordam que ainda precisa melhorar muito. O principal ponto são os pisos táteis, que são raros, principalmente ao se afastar das áreas centrais das cidades. Francisca diz que a situação melhorou muito em relação há vinte anos, mas que isso só a estimula a querer mais. Gilson acrescentou *“não acharíamos ruim sobre a poluição sonora, assim, eu passo em quinhentas lojas e cada loja tem um som diferente, para nós seria importante.”* (GILSON, 2015). João ressaltou o problema da locomoção, e disse que não é apenas um problema local, mas de quase todas as cidades.

- **Você acha que a sociedade te trata diferente por conta da deficiência?**

Nenhum acredita ser tratado de maneira diferente. Francisca diz que a sociedade é acolhedora com todos os diferentes, porque a sociedade em si é diferente, as pessoas são diferentes entre si. João disse que se sente tratado igualmente as pessoas ao seu redor. Gilson diz que a sociedade está bem flexível, e com desejo de ajudar. Além disso, afirma que o cego é importante nesse processo, por mostrar que é capaz. Ele mesmo trabalha em três lugares. Francisca trabalha e João estuda.

As respostas para essa pergunta foram diferentes do que se espera ao ler as entrevistas de MELO (2006), onde muitos entrevistados afirmam se sentir tratados como vítimas ou como incapazes por culpa da deficiência.

- **Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?**

Nesse espaço, João, timidamente disse não querer falar mais nada. Francisca aproveitou o espaço para dizer que o trabalho que eu estava realizando é importante para os estudantes, pois são experiências que são adquiridas dentro de um contexto social, e esse contexto forma profissionais diferenciados e são importantes para qualquer ser humano conhecer.

Gilson falou durante mais tempo. Primeiro, comentou a importância da audiodescrição nos cinemas, teatros e televisão. Reclamou:

É muito importante para nós que fale. Televisão é o que mais sofremos: ‘Olha ali embaixo do seu visor, vamos passar o número para você comprar essa esteira de ginástica’. Tá, eu sou cego, cego não faz ginástica? Eu não posso comprar? ‘Olha na esquerda do seu vídeo...’. Desculpa, é muita palhaçada. Deveria ter uma lei que fale que uma propaganda dessas não pode existir. Porque não é só quem enxerga que assiste televisão, cego também. (GILSON, 2015).

Afirmou depois o papel que a mídia e a produção cultural têm na acessibilidade. Disse que algo precisa ser feito nesse sentido, não para obrigar todos a consumirem esse tipo de conteúdo, mas para oferecer opções para quem o deseja.

A audiodescrição, não se pode negar, é um recurso importante de inclusão e acessibilidade. Entretanto, a sua prática usual tem sido efetuada com base nos parâmetros impostos pela experiência usual de imagens por aqueles que veem e descrevem as cenas, isto é, com base na mera visibilidade. Tal fato muitas vezes despreza as particularidades cognitivas e as diferentes formas de percepção entre os personagens envolvidos: audiodescritores e deficientes visuais possuem reais, porém distintas relações sociais e culturais com a imagem visual. (MAYER; PINTO, 2013, p.2).

Ao comentar as diferenças na percepção dos audiodescritores e deficientes visuais, os autores levam pouco em conta que os consumidores de produtos com audiodescrição podem ter tido contato com a imagem visual antes da deficiência, como no caso do Gilson, podendo ter experiências interpretativas beneficiadas por esse recurso.

- **Impressões sobre a entrevista**

É possível perceber ao ler as respostas algumas semelhanças e diferenças entre os entrevistados, devido principalmente ao caráter qualitativo da entrevista aplicada. Isso contempla as individualidades de cada pessoa, pois cada um tem um modo único de lidar com o mundo e, no caso dos cegos, com a deficiência.

As semelhanças estão na descrição do modo de locomoção, no modo como se relacionam com os pontos de acessibilidade, levando à conclusão de que ocorre de maneira parecida para todos os cegos.

As opiniões sobre a sociedade e acessibilidade também possuem respostas bem próximas, mas com uma diferença importante: enquanto João só comentou que a sociedade não o trata de diferente, com um ar de dúvida do que motivou a pergunta, os mais velhos, provavelmente pela idade, ressaltaram a mudança de atitudes da sociedade, e também a evolução da acessibilidade oferecida a eles.

As respostas dos mais velhos foram no geral mais elaboradas, e as entrevistas mais longas. Isso mostra mais experiências a serem compartilhadas, em parte pela idade, em parte talvez pelo fato de ambos possuírem ensino superior completo. As profissões estão marcadas nas respostas dadas pelos entrevistados.

O fato de Francisca ter nascido cega e os outros terem se tornado cego mais velho também influencia nas respostas. Francisca não falou em momento algum de imagens visuais, mas comentou bem conceitos como abstração e percepção. Isso mostra que ela nunca teve a visão como sentido predominante. João, apesar de falar pouco, deu exemplos mais próximos do campo visual, ainda que seus sonhos não sejam visuais. Por ter perdido a visão muito cedo, pouca informação visual ficou registrada na sua memória. Gilson é o caso mais interessante.

Em suas respostas, deixa clara a diferença que a perda da visão causou em sua vida. Durante dezenove anos, teve contato com o campo visual, recebendo informações por meio dele. Grande parte dos seus exemplos é visual, além disso, depois de anos cego, ainda é capaz de sonhar com imagens. Gilson diz que o mundo depois de perder a visão é outro. Nessa frase, observa-se que o peso de perder a visão é muito maior para uma pessoa que a possuía durante mais tempo.

Considerações Finais

Os dados que levantei, juntamente com a análise realizada dos mesmos, ajudaram a cumprir os objetivos propostos. Pode-se dizer que foi possível compreender melhor como os cegos interpretam as informações do mundo, e também como eles se utilizam dos pontos de acessibilidade oferecidos. É possível depreender que, mesmo com os avanços nesse sentido, os pontos de acessibilidade estão longe de serem suficientes para proporcionar uma experiência completa de mundo.

Algumas respostas foram diferentes do que eu esperava, principalmente no ponto de vista social. Eu esperava que pelo menos um dos entrevistados se sentisse tratado diferente na sociedade. Mostra-se assim que o deficiente visual é tão capaz quanto qualquer indivíduo de cumprir funções na sociedade.

Outra coisa interessante de notar é que muitas vezes a percepção do ambiente, para quem enxerga, é pautada quase unicamente na visão, mas os cegos conseguem dizer o tipo de ambiente que se encontram apenas pelos outros sentidos. Nota-se aqui a apuração dos outros sentidos com a perda da visão.

É importante notar, também, a relação que os indivíduos têm com os sonhos. Aquele viveu boa parte de sua vida enxergando sonha com imagens enquanto os outros, que viveram menos tempo enxergando, sonha principalmente com os outros sentidos.

Quando deixei os entrevistados acrescentarem ao que quiserem, os dois que falaram citaram a importância de realizar pesquisas desse tipo, e ressaltaram a importância dos estudantes na construção da sociedade, e também da mídia nesse processo. Minha pesquisa mostrou-se limitada por diversos fatores, mas principalmente pelo prazo de sua realização, o que permitiu a entrevista de um espaço amostral extremamente pequeno. Dessa maneira, fica a sugestão de que é interessante dar segmento a pesquisas sobre qualquer um dos tópicos citados nesse artigo, tanto como maneira de garantir acessibilidade para essas pessoas, quanto como maneira de atingir novos públicos na produção cultural.

Referências

CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 31-63.

FREUD, S. (1900). *A Interpretação de Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 416 p.

GILSON. *A interpretação do mundo pelos cegos*: Depoimento. [maio 2015]. São Paulo. Entrevista concedida a Renan Jonatas Baldi.

JARDIM, J; CARVALHO, W. *Janela da Alma*. [Filme-vídeo]. Produção e direção de João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002 . 1 DVD (73min).

KANASHIRO, M. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Curitiba: UFPR, 2003. n.7, p. 155-160.

MAYER, F; PINTO, J. O deficiente visual e a interpretação de imagens. *Semeiosis USP*, São Paulo, ago. 2013 Disponível em <<http://www.semeiosis.com.br/o-deficiente-visual-e-a-interpreta%C3%A7%C3%A3o-de-imagens/>>, acesso em 19 mar. 2015.

MELO, F. *Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão*. 2006. 154f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo edições, 1969.111 p.